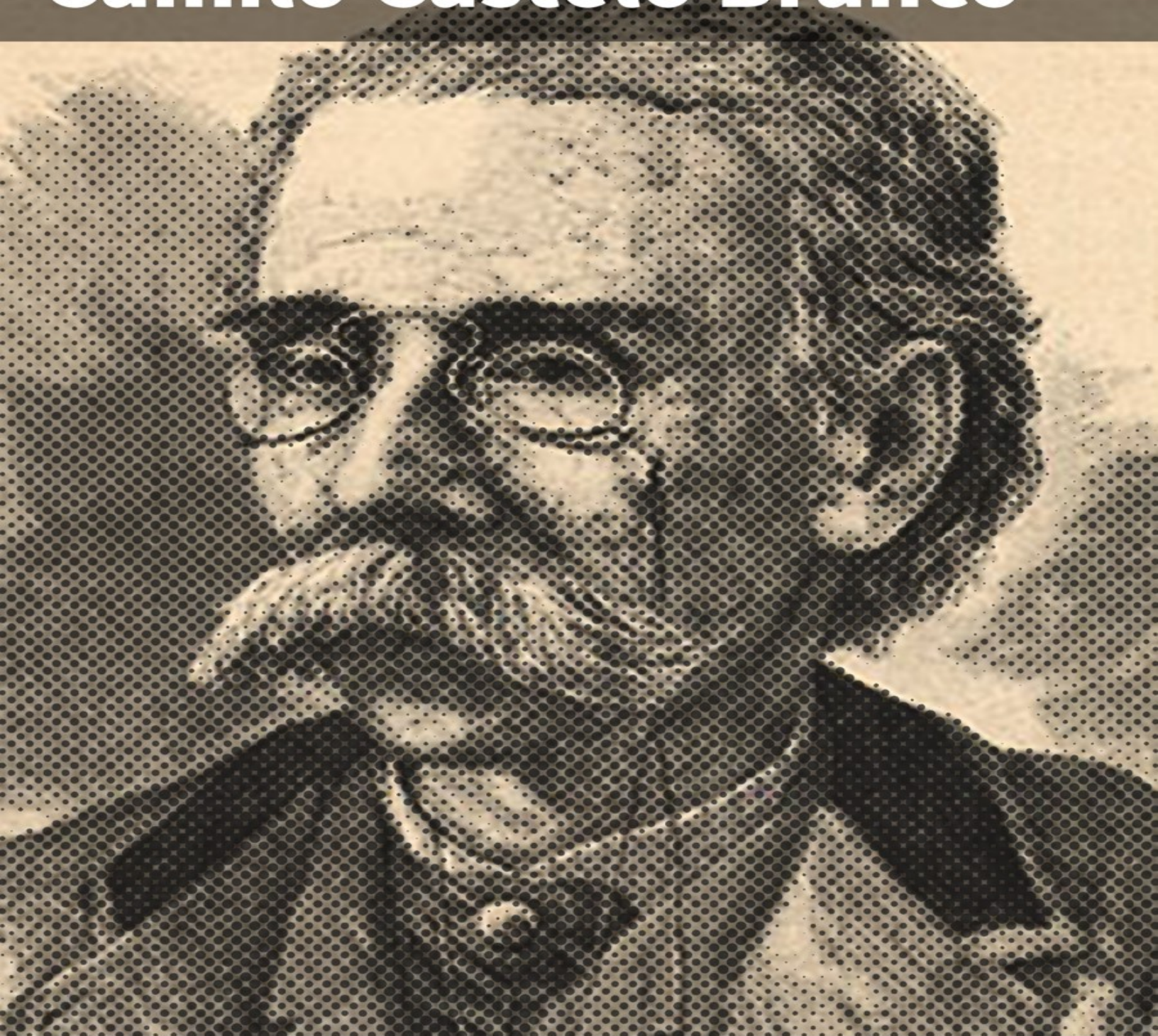


Camilo Castelo Branco



*A Neta
do Arcediogo*

Camilo Castelo Branco

A Neta do Arcediago



Publicado pela Editora Good Press, 2022

goodpress@okpublishing.info

EAN 4064066409715

ÍNDICE DE CONTEÚDO

I.

UM BERÇO BORRIFADO DE SANGUE.

II.

O FRUCTO DA SEMENTE AMALDIÇOADA.

III.

ASSUCENA.

IV.

CONTAGIO.

V.

UM ANJO CAHIDO.

VI.

ANJO CAHIDO, MAS AINDA ANJO.

VII.

PERDIDO SEM REDEMPÇÃO

VIII.

PROVIDENCIA OU ACASO?

IX.

HERANÇA DE VIRTUDE E OURO.

X.

COMO OS ANJOS SE VINGAM.

XI.

SÃO MUITOS OS LAZAROS; MAS UM SÓ O CHRISTO.

XII.

FASCINAÇÃO DO ABYSMO.

XIII.

EXPLOÇÃO DA INFAMIA REPRESADA.

XIV.

CAVAR PARA OS OUTROS A SEPULTURA, E PARA SI O
INFERNO.

XV.

LOGICA DO INFORTUNIO.

XVI.

TENHO FOME! ESTOU HA TRES DIAS SEM PÃO!

XVII.

AS PRIMEIRAS E ULTIMAS LAGRIMAS DE LUIZ DA CUNHA.

XVIII.

A LUZ DO AMOR NAS TREVAS DA DEMENCIA.

XIX.

UM VEIO NOVO A EXPLORAR.

CONCLUSÃO.

I.

Índice de conteúdo

UM BERÇO BORRIFADO DE SANGUE.

Índice de conteúdo

Convém, primeiro, saber quem é este cavalheiro, que salta garbosamente d'uma carruagem com uma dama vestida de branco, defronte do theatro de S. Carlos, em Lisboa, em uma noite de fevereiro de 1838.

Por não apurar impaciencias, diga-se tudo já. Este cavalheiro é Luiz da Cunha e Faro. Aquella dama é... Nem tanta bondade! Não se póde dizer, por ora, quem é a dama. Se o leitor é esperto, como supponho, ha de adivinhal-a logo, e, de certo, fica muito contente da sua penetração.

Luiz da Cunha e Faro tem vinte e cinco annos. É um homem feio, segundo a opinião masculina, que se acha em harmonia com a sua. Não era esta, porém, a opinião das mulheres. Algumas que por capricho, em publico, o desdenhavam como feio, desmentiam-se em particular... Não digo que fossem todas; mas tambem não é preciso o suffragio de todas para a reputação d'um homem feio.

A que chamam v. ex.^{as} feio? Feio é o demonio, dizia minha avó. São e escoreito é o essencial—dizem as velhas, quando as illusões da formosura não tem nada a fazer com ellas, nem, por isso mesmo, ellas teem direito a optar entre o feio e o bonito.

Luiz da Cunha era trigueiro; tinha a pelle bronzeada da cara pegada aos ossos, que lhe sahiam, principalmente{6}

os malares, em proeminencias cadavericas. Os bordos das orbitas muito salientes contribuiam muito para que o brilho dos olhos negros e grandes luzisse mais na escuridade das cavernas, debreadas sempre d'um annel bastante escuro para destacar da côr geral de azeitona. O nariz era notavel pela ausencia total do cavalete. A bôca não se lhe via, coberta pelo bigode espêss, que se não encaracolava nas guias, e cahia em luzentes recurvas sobre ambos os labios. Ora aqui está o que é um homem feio.

Perguntava muita gente a razão physiologica da côr africana de Luiz, tão diversa da alvura ingleza de seu pae João da Cunha e Faro, que, por esse tempo, contava quarenta e cinco annos, e passava ainda por um dos bellos homens de Lisboa.

Pouca gente respondia physiologicamente a tal reparo, porque muito pouca sabia que Luiz da Cunha era filho d'uma mulata.

Agora é que ninguem poderá allegar ignorancia. Eu tenho a honra de responder á curiosidade, que foi longo tempo a mortificação de pessoas muito sizudas.

Sabia-se geralmente que o nascimento de Luiz fôra uma das multiplicadas aventuras amorosas do fidalgo, seu pae; mas a outra metade productora, o complemento da machina, em que o mysterioso artefacto se fabricára, isso é que os amigos intimos de João da Cunha e Faro ignoravam.

O leitor não perderia muito ignorando tambem. Ainda assim, se não quizerem passar ao capitulo segundo, tambem nada perdem, e ficam sabendo tanto como eu.

João da Cunha frequentára a universidade de Coimbra, quando era mania dos fidalgos deixarem medrar seus filhos

na seva opulenta d'uma fidalga estupidez. Em quanto seu irmão mais velho estudava veterinaria para se não deixar enganar em compras de cavallos, João da Cunha estudava mathematicas para se distinguir na carreira militar.

Cursava o segundo anno, com admiravel aproveitamento, quando chegou a Coimbra um moço brasileiro, filho de portuguez, casado com uma mulata, filha d'um rico fazendeiro de café, e fabulosamente rica, segundo era fama.

A intenção do brasileiro era formar-se em naturaes{7} para scientificamente explorar os vastos terrenos do Mexico, onde seu sogro desenterrára o mais grosso do seu cabedal.

E, com effeito, matriculou-se, ao mesmo tempo que sua mulher, desejosa de cultivar o espirito, recebia em casa lições de francez, e inglez.

Ricarda chamava-se ella. Não lhes quero dizer que era bonita, porque receio que zombem da minha franca ingenuidade; porém, não chegue este capitulo ao fim, converta-se-me esta penna em sovelã, se eu não gostasse da senhora D. Ricarda, e a não amasse com o delirio de João da Cunha.

Pois elle ousou?... Ousou... Miserias inherentes ao peccado original! O primeiro homem cahiu, e bem forte devia ser esse primeiro homem, sahido das mãos do Creador, com toda a substancia e rigidez d'uma obra perfeita, com todas as harmonias e segredos para desmanchar o sortilegio da tentação!... Como não cahiria o academico, degenerado pelas fraquezas de tantas gerações que vieram até elle, desde o Eden?

Que tinha, pois, Ricarda de seductora?

O que ella tinha! Sabem o que é ter um coração de lume, lume que não se esconde, em quanto ha olhos que o dardejem em lavaredas electricas? Sabem o que é o nervo optico, ferido d'esse galvanismo da alma, que se lhe cõa nas fibras, que se communica aos musculos, que se injecta na pupilla vertiginosa, que se lança fóra do corpo em scintillas contagiosas, até vos pegar uma febre, que se não cura com a quina? Sabem o que é a voluptuosidade da mulher dos tropicos? Não crêem que o sol, a prumo, se infiltra n'ella, e a queima desde os quatorze annos, com uma sêde insaciavel de gosos ternos, morbidos, e elanguescidos como a requebrada cantilena d'uma carioca?

Ricarda, além de tudo isto, tinha cousas de encantar. Dizia uma cousa singela com tantos artificios de graça, de meiguice, e de cansaço, que mais valiam as simples palavras d'ella, que os beijos mais suavemente chilreados de uma europêa. As perolas, que tão lindo lhe faziam o sorriso brando, raro se mostravam, porque, se os olhos diziam tudo, o sorriso não lhe vinha auxiliar os gestos. E a flexibilidade das fórmãs? Que donaire, que gentileza,{8} que perfeição de estudo, ou que naturalidade tão caprichosa em enriquecêl-a!

Bem haja, pois, João da Cunha, que adorou a omnipotencia do Creador, sem perguntar ao abbade de Salamonde a gravidade da culpa, adorando a mulher do seu proximo, de mais a mais, seu contemporaneo. Bem haja, digo eu meio resolvido a rasgar este periodo, se o leitor, por uma sobrenatural revelação, me não diz que bem póde ser que o academico não esteja condemnado pela mesma razão

que Magdalena foi salva. Amar muito! Sem esta virtude, Deus sabe se a acta das santas nos faria menção da dedicada galilea!...

Não quero inculcar a santidade de João da Cunha. Creio até que o homem nunca se lembrou d'estas honras posthumas, e a universidade, com quanto produza grandes doutores para a mitra, ainda não deu um para a igreja. O mathematico era capaz de renunciar á canonisação se lhe pedissem a troco o sacrificio de abjurar o amor, que o trazia tão longe da sciencia, e tão avêssos ás obrigações academicas, que, antes de Paschoa, tinha perdido o anno por faltas, e dissera incriveis disparates em duas lições, que o desacreditaram.

João da Cunha soubera insinuar-se na confiança do brasileiro. Era sua visita em vespera de feriado. Fallava francez com Ricarda, e solvia, em mathematica, as difficuldades que o obtuso marido não venciam.

Seria impertinencia alongar de sobejo este episodio, que não vem ao essencial da nossa historia. O leitor, amigo da concisão, quer que eu lhe diga se aquella mulher de fogo se conservou incombustivel, como o amiantho, na presença do estudante. Não, senhores. Fosse pelo que fosse, a brasileira parece que não tinha ideias muito claras a respeito dos deveres conjugaes. Seu marido, allucinado pela sciencia, retirou-se cá de baixo para tão alto que não podia vêr a terra onde sua mulher vacillava ao pé de um abysmo. Acordou, uma manhã scismando n'um x, que o fizera adormecer ás duas horas. Chamou sua mulher, que o costumava saudar em francez do quarto proximo. D'esta vez não ouviu lingua alguma das que se entendem no

globo. Entrou no quarto para contemplar-a no somno feliz de quem não estuda mathematica. Achou um leito{9} vazio. Correu a casa toda, chamando-a, com sobresalto, que não era ainda o da certeza. Nem a criada encontrou! Volveu ao quarto de Ricarda. Reparou que sobre a commoda não estava um cofre de marfim. Era o adereço de Ricarda: os seus brilhantes que valiam uma fortuna; os mais ricos diamantes que deram as Minas Geraes; as melhores pedras do Novo-mundo, o valor de quatro dotes opulentos!

Desde esse dia, o brasileiro não tornou ás aulas. Sabe-se que foi curado d'uma congestão cerebral. Viram-no, dous mezes depois, sahir de Coimbra, sem estender a mão aos amigos, compadecidos do seu infortunio. Passára por entre elles sem os vêr. Reputaram-no doudo, e vingaram inutilmente a affronta que o enlouquecêra, execrando o infame João da Cunha que lhe roubára sua mulher.

Mas, um dia, dez mezes depois, passára o brasileiro na rua do Ouro, em Lisboa, e vira n'uma taboleta de ourives um anel com uma esmeralda, cravejada entre doze brilhantes.

—Quanto pede por este anel?—perguntou elle.

—Dous contos de reis.

—Comprou as pedras separadas, ou o anel?

—Comprei o anel.

—Ha muito tempo?

—Ha dous mezes.

—O vendedor era portuguez?

—Creio que sim.

—Garantiu-lhe a legitima venda de que era seu? Creio que me não entende... Tem a certeza de que este anel não

fosse um roubo?

—O cavalheiro que m'o vendeu é um fidalgo.

—Conhece-o?

—Conheço, sim...

—Desculpe estas perguntas, porque eu quero comprar o anel, e não o faria sem a certeza de que ámanhã me fizessem as perguntas que eu lhe fiz.

Pouco depois, o ourives recebia dous contos de reis por um anel que comprára por cincoenta moedas. Contento da veniaga, esquecêra-se da reserva que lhe fôra pedida, quando o comprou, a respeito do vendedor. A alegria fizera-o indiscreto e expansivo. Dous contos de reis{10} era dinheiro para trinta Judas, e demais o ourives não sabia o valor do segredo.

—Visto que me comprou o anel, vou dizer-lhe quem m'o vendeu; mas v. s.^a guarde segredo, não porque seja um furto; mas porque é um melindre. Este anel foi-me vendido por um dos primeiros fidalgos de Lisboa; mas o homem pediu o segredo do seu nome, para que o não julguem em más circumstancias. A v. s.^a posso dizer-lhe o nome...

—De certo póde, mesmo porque eu estou em vespas de embarcar para o Brazil, que é o meu paiz.

—Lá me pareceu logo que v. s.^a era brasileiro... Por cá não ha quem dê assim dinheiro por uma obra de gosto... Pois, senhor, o ex-possuidor d'este anel foi Antonio da Cunha e Faro, e quem aqui m'o vendeu, com ordem sua, foi seu filho João.

—Penso que conheci em Coimbra esse cavalheiro—disse com mal fingida serenidade o marido de Ricarda.

—Póde ser, porque segundo ouvi dizer, o tal senhor João da Cunha estuda em Coimbra.

—Pensei que esse sujeito não estava em Lisboa.

—Ha quinze dias de certo estava; se quer fallar com elle para ir seguro do que lhe digo, ainda que eu lhe prometti de não dizer quem me vendeu o anel, póde v. s.^a procural-o em casa de seu pae no Campo Grande.

—Não duvido da sua palavra.

O brasileiro passou a noite d'esse dia encostado ás arvores fronteiras do palacete de Antonio da Cunha. De madrugada vira entrar um embuçado, que se lhe afigurou João da Cunha. Ao escurecer d'esse dia viu sahir o mesmo vulto suspeito, e seguiu-o. No Campo Pequeno viu-o entrar numa sege de praça, que desappareceu pela estrada transversal.

Na noite immediata, a pouca distancia da sege, que esperava João da Cunha, estava um cavalleiro encoberto pelo muro da quinta do conde das Galveas. A sege partiu e o cavalleiro seguiu-a de longe, para que o tropel do cavallo se não tornasse suspeito.

A meia legua, na azinhaga de Campolide, parou a sege. João da Cunha entrou n'um largo portão, que se abriu no momento em que elle apeava. Caminhou por debaixo de{11} uma extensa parreira, que formava uma fresca abobada de folhagem á entrada da casinha campestre, em que morava Ricarda.

O brasileiro de certo não viu a casinha, porque o portão fechára-se nas costas de João da Cunha. O boleeiro entrára com a sege n'uma cavalharia a cincoenta passos distante do portão. O marido de Ricarda adquirira aquella

imperturbavel paciencia, que vem depois dos frenezis da vingança. Quasi um anno de meditação e estudo na desforra, que mais convinha á sua honra, era sobeja reflexão para não perder com uma imprudencia a victoria que, tão depressa, lhe deparára o acaso do annel.

Retrocedeu para Lisboa.

No dia seguinte passou, a pé, defronte do portão onde entrára João da Cunha. Estava fechado. Circuitou o baixo muro que marcava a pequena quinta. Trepou no lanço que lhe pareceu mais accessivel. Não viu alguém. As janellas da casa, á hora do calor, estavam fechadas com persianas verdes interiormente corridas. Desceu para subir outra vez ao muro que fechava a quinta na parte mais remota da casa. Saltou dentro. Os cães de fila acorrentados ladraram; mas o aviso não inquietou ninguem.

O brasileiro embrenhou-se n'um caramanchão, enxugando o suor que lhe empastava a camiza. Permaneceu ahi cinco horas.

Ás nove ouviu o rodar da sege; ouviu ranger os gonzos do portão; ouviu abrir-se, mais perto, a porta e janellas como se até alli não vivesse ninguem n'aquella casa, cujo aspecto risonho bem poderia ser mentiroso.

Minutos depois ouviu passos distantes, que faziam rumorejar a folhagem. E estes passos eram cada vez mais proximos. Viu dous vultos. Eram já distinctas as suas palavras:

—E quando partiremos, João?—perguntava Ricarda.

—Logo que eu te veja convalescida de modo que possamos viajar sem perigo.

—Pois eu não estou boa?

—Ainda não. Faz ainda ámanhã um mez que soffreste muito... para fazeres completa a minha felicidade... Um filho teu, Ricarda!...—O brasileiro ouviu o ciciar tremulo d'um beijo.{12}

—Mas que podemos rezear agora? Vamos embora de Portugal. Consegui que vá connosco a ama de leite do nosso Luizinho. Não nos falta nada... Olha, João, eu não posso assim viver tão fugida do mundo. Não temos necessidade d'isto. Se queres que eu assim viva, obrigas-me a crêr que eu pratiquei um grande crime, pelo qual devo ser proscripta da vida.

—E não vivo eu também proscripto da sociedade, para viver contigo só?

—Não ha comparação. De dia vives com os teus, de noite comigo. Eu queria que tu viesses aqui passar sósinho, com o coração cheio de saudades, as horas aborrecidas d'estes longos dias... Vive sempre ao pé de mim, João, e eu viverei contente em toda a parte.

—Pois partiremos, minha filha. Mas é necessario fugir, porque meu pae de certo me não deixa sahir de Portugal. A morte de meu irmão morgado veio tolher o meu futuro. Meu pae quer entregar-me a administração da casa que me pertence, e eu, habituado a obedecer-lhe desde creança, acho-me prêso de braços quando é preciso ser mau filho...

—Ser mau filho!...—atalhou Ricarda com resentimento.—Antes ser mau com a pobre mulher que não sentiu os braços prêsos para ser má esposa... não é assim?

João da Cunha sentára-se no banco de pedra fronteiro ao caramanchão, em que o brasileiro retrahia o halito para não perder uma palavra, em quanto a longa distancia lhe não

permittisse uma pontaria infallível de pistolas que lhe oscillavam nas mãos convulsas.

—Parece-me que estás cansado de mim...—continuou Ricarda, offendida pelo silencio de João á ultima pergunta, que lhe custára a ella uma dôr de coração, um desgosto amargo do seu amor proprio.

—Cansado de ti... Não, Ricarda... O amor não se cansa assim. Não tenho tido, desde o primeiro dia em que me viste, uma pequena desigualdade contigo. Tudo o que te prometti foi pouco para o grande sacrificio que me fizeste; mas, se te não dou mais, é porque mais não póde dar o coração. Podésses tu ser minha esposa... podésse eu convencer-te...

—De que me amas? Não é assim que se convence{13} uma mulher... O que eu quero é a tua alma... Não me lembrou nunca ser tua mulher, como se diz da que se dá por obrigação de casamento, para ser assim mais feliz... Não fallemos n'isto... Essa palavra esteve para ser a minha morte... não poderá nunca trazer-me felicidade. Ainda que eu hoje fosse viuva, não quereria ser tua mulher, João.

—Porque?!

—Porque me obrigarias um dia a ser criminosa, como fui...

—De que modo te obrigaria eu a seres criminosa?!

—Considerando-me apenas uma companheira de casa, a quem não é obrigação fazer carinhos, porque a mulher casada é uma posse sem disputa, é uma roseira que dá uma flôr, e sécca para nunca mais reverdecer... Eu sei que fui muito amada, muito estremecida por...

—Por teu marido...

—Sim... mas, dous mezes... e, ao cabo de dous annos, esse homem dava-me a importancia que se dá a um socio d'uma casa commercial, e dizia-me que não vira ainda as suas lições, quando eu me sentava ao seu lado com receio de ser grosseiramente despresada com o seu silencio. Todas as tuas qualidades pessoas me não fariam impressão nenhuma, João, se aquelle homem me soubesse ao menos mentir.

—Foi preciso que elle te despresasse para eu te possuir o coração.

—Foi... Pois tu crês que a mulher se degrada por prazer, sem que a violentem a isso?! Quem faz a mulher desgraçada e despresivel na sua desgraça é o homem. Tenho pensado muito no que fui para explicar o que sou...

—E, se elle te amasse hoje, Ricarda?

—Se me amasse hoje, despresal-o-ía, porque não poderia amar outro homem, depois que te conheço.

—E se eu te despresasse?

—Se me despresasses, morreria, matava-me.

—Não morrerás, minha filha...

João da Cunha abraçou-a com vehemente transporte. Colou-lhe os labios ardentes no collo de encantadora nudez, sorvendo-o em beijos deleitosos. Ella deixou-se inclinar para o seio d'elle, como desmaiada em ebriedade de ternos{14} deliquios. Toda esmorecida e alquebrada, os proprios olhos, sempre fogo, pareciam apagar-se, para que a morbidez das palpebras, pendendo amortecidas, dissessem ao sequioso amante que aquelles olhos se fechavam para não verem o passado, e deixavam ao coração, estreme de remorsos, o goso das delicias do momento.

O marido de Ricarda deu um passo para distinguir os vultos entre as frondes da amoreira. O prazer devêra tê-los aturdidos para não ouvirem esse passo, e dous que se seguiram. Aquelles braços não se desenlaçavam. O extasis poderia ser apenas um extasis de dous amantes que se perdem nas altas regiões do puro espirito; mas o brasileiro, na sua phantasia allucinada, imaginou um crime, que deveria deixar-lhe a elle um remorso eterno, se o não interrompesse com a morte.

Duas balas voaram de duas pistolas. Ouviu-se um grito. Ricarda levára a mão ao seio. João da Cunha corrêra atrás d'um vulto que rompia a direito as murtas do caramanchão em precipitada fuga. Mas, já perto do assassino, sentiu uma dôr agudissima no hombro direito e esvahimentos de cabeça.

A este tempo, o brasileiro era preza de dous enormes cães, que o filaram no momento que elle lançava a mão a uma viga da parreira por onde descêra. Os cães laceravam-no, saltando-lhe ao peito. O indefeso moço arremessára as pistolas inutilmente aos cães, que redobravam de furor.

Os criados de João da Cunha, ouvindo os tiros, correram na direcção. Encontraram o cadaver de Ricarda, e alguns passos distante, seu amo que dizia em voz desfallecida: «matem esse assassino, que me matou.» Correram onde latiam os cães. Viram um homem encostado ao muro defendendo-se dos saltos d'elles com as pernas, que retiravam sempre cravejadas por uma nova dentada. Não seria preciso o braço d'outro assassino, se a lucta se demorasse entre as feras e o brasileiro quasi morto de cansaço, e derramamento de sangue. A missão dos cães

acabou quando principiou a dos homens. Duas choupadas no peito abriram mais larga fenda ao sangue. Mataram-no sem resistencia.{15}

Eu esbocei com repugnancia este quadro. Será demasiada fidelidade dizer-vos que a sepultura do brasileiro foi os oito palmos de terra, onde cahiu morto? Ainda bem que os cães o não devoraram a pedaços como um passatempo durante a noite. Ricarda foi enterrada no cemiterio, de noite, de combinação com o parocho. Os criados conduziram á sege João da Cunha, que não quiz retirar-se sem reconhecer o assassino.

Dizem que beijára as faces mortas de Ricarda, e derramára algumas lagrimas, que lhe fazem muita honra.

A sege que o conduziu, tornou a Campolide para transportar ao palacete do Campo-Grande um menino d'um mez nos braços da ama.

João da Cunha beijando o neto que seu filho lhe entregava, na supposição de que o ferimento era mortal, dizia lá comsigo:

—Parece filho de mulata! Bem me disseram a mim de Coimbra que meu filho fugira com uma!

João da Cunha foi curado em poucos dias. A bala quebrára-lhe a clavícula direita e sahira sem ferir algum vaso importante. O enfermo deixou-se tratar, e não consta que tentasse romper o aparelho para se escoar de sangue.

—Queria viver para o seu filho.—É como elle explicava o desejo da vida.

Isto passou-se em 1813; e o romance começa em 1838.

Já sabem que o filho de Ricarda é Luiz da Cunha e Faro, que apeou á porta do theatro de S. Carlos.{16}

II.

[Índice de conteúdo](#)

O FRUCTO DA SEMENTE AMALDIÇOADA.

[Índice de conteúdo](#)

João da Cunha era, pouco mais ou menos, o que são todos os homens. O seu coração, viuvo do amor de Ricarda, vestiu lucto um anno. O choque fôra muito forte, para que a mais robusta organização se não resentisse, longo tempo. A convivencia, com homens que não conheciam os precedentes da sua mysantropia, não a procurava. Vivia só, com seu pae, e com seu filho. Recordava a ephemera felicidade de alguns dias, rematados por uma hora de sangue. Ora, estas recordações, por que foram muito repetidas, pouco a pouco enfraqueceram, e o coração familiarisou-se com ellas. O que primeiro fôra terror, veio, depois de um anno, á brandura das reminiscencias que não mortificam, porque o tempo é o principio gerador de imagens novas que desfazem sempre as impressões das velhas. O ferro abre profundos sulcos no cortix da arvore: depois, as fibras da camada, vigorosa de nova seiva, passam por cima, e deixam como signal uma cizura imperceptivel.

Dous annos depois da catastrophe, João da Cunha não fugia das aventuras que o perseguiam. Riqueza, talento, e

fidalgua, afóra os dotes physicos, auctorisavam-no a não deixar aos vinte e dous annos uma carreira que encetára com tão má fortuna.

Do seu coração, repartido por muitas paixões passageiras, nunca usurpou a seu filho a maior parte.

Em quanto elle crescia em corpo e extraordinaria penetração, o pae, que não sabia sê-lo, alargava-lhe os desejos, adivinhando-lh'os, e prohibia á ama, aos mestres, {17} e ao avô a mais ligeira contrariedade ás vontades caprichosas do menino.

Luiz, aos doze annos, era um despota com os criados, com os mestres, e tratava o pae como se trata um irmão, quando não ha a recear a correcção paterna. João da Cunha gostava da desenvoltura do pequeno, e ufanava-se de leval-o, como maravilha, á sociedade dos homens e mulheres do grande mundo, que lhe achavam muito sal nas suas respostas, e não córavam ás galhofeiras liberdades do pequeno Ismael, como lhe chamavam, alludindo á desconhecida Agar, que o sol da Africa bronzeára.

Luiz era tanto mais caro a seu pae, quanto a sua intelligencia, com pequeno esforço, aproveitava nas irregulares lições dos mestres soffredores. Aos quinze annos, o filho de Ricarda era homem, e, como homem, as puerilidades, as folias que o entretinham até aos quatorze, trocaram-se em ar reflexivo, em consciencia de si proprio, e até em certo respeito ao pae, supposto que este lhe não invectivasse as licenças, que os de fóra lhe censuravam.

—Eis-aqui o que é o espirito!—dizia João da Cunha ao seu capellão, que muitas vezes agourára mal da livre educação dada a Luiz—Assim que chegou á idade da razão, ahi está

meu filho obedecendo espontaneamente ao instinto dos deveres. Não o vê tão pensador n'uma idade em que a imaginação trabalha sempre?

—Não duvido que pense—respondeu o padre, solemnizando a resposta com um sorvo de rapé—mas, se v. ex.^a me dá licença, parece-me que seu filho pensa em alguma loucura.

—Essa é boa! O padre que razão tem para tanta severidade com meu filho?

—Que razão tenho? Ora ouça v. ex.^a Seu filho namora a filha do merceeiro que mora ao lado.

—Deixe-se d'isso, padre; o meu filho apenas tem dezeseis annos, e ella ainda é mais nova.

—Isso não é razão, e desculpe-me v. ex.^a a liberdade de replicar. Deus sabe as intenções com que me intrometto em cousas, que não são de todo estranhas ao meu ministerio. Eu quando fallo é com documentos na mão.

—Alguma cartinha de namoro... Isso são rapaziadas sem consequencia.{18}

—Não é cartinha de namoro.

—Algum cordão de cabello, ou alguns suspensorios com a firma do rapaz... Isso faz rir.

—Não é cordão nem suspensorios.

—Então acabe lá com isso, padre! Que é?

—É uma escada de corda que sobe ao segundo andar d'aquella casa.

—E sabe se elle faz uso d'essa escada?!

—Ha quinze noites seguidas que sobe ás duas horas da noite e desce ás quatro.

—O rapaz é capaz de quebrar uma perna!

—E eu receio que o pae da rapariga seja capaz de lh'as quebrar ambas.

—N'esse caso, encarrego-o de o reprehender; mas não lhe diga que eu o sei.

—Parece-me que lhe não fará grande abalo ainda que v. ex.^a o saiba. Seu filho não o teme, nem lhe reconhece direitos sobre a liberdade de subir e descer escadas de corda.

—Está enganado.

—Oxalá que sim. Eu de mim reprehendi-o já, e elle respondeu-me se eu fazia o favor de lhe ir segurar a escada para que ella não balançasse quando elle descia, com grave risco das suas pernas, que ficavam enleadas nas cordas transversaes. Aqui está o que é uma zombaria que não parece d'um menino de dezeseis annos! V. ex.^a ri-se? Ora, queira Deus que não chore ainda...

—Pois que quer que eu faça, padre?

—Que o castigue com severidade, ou o faça entrar no collegio dos Nobres para ser castigado longe dos seus olhos. V. ex.^a perde seu filho. Está cavando um manancial de desgostos, que não remediará... Elle ahi vem... Se quer, retiro-me, para v. ex.^a lhe fallar.

—Pois sim, retire-se.

Luiz entrou apertando a mão ao pae, que lh'a estendeu com a familiar etiqueta d'amigo.

—Vem cá, Luiz. Tu és um homem, e é preciso fallarmos como homens. Sei que sobes por uma escada de corda ao segundo andar d'aquella casa...

—Então, de certo sabe tambem que desço...—atalhou com sorriso ironico o filho de Ricarda.{19}

—Responda-me com seriedade. Sabe que eu posso fazê-lo retirar d'esta casa, logo que o menino proceda de modo que mereça ser castigado?

—V. ex.^a póde tudo; mas eu queria saber o que fiz que mereça castigo.

—Assim é que deve responder-me. Sei que se introduz em casa do merceeiro.

—É verdade, meu pae. Não nego senão o que não faço. Foi o padre Joaquim que lh'o disse?

—Não sei quem foi... É isto verdade?

—É verdade; mas o padre Joaquim merece dous bofetões.

—O padre Joaquim é seu amigo. Se o menino observar os conselhos d'elle, ha de ter um proceder exemplar; e, se os não attender, obriga-me a castigal-o asperamente, bem contra minha vontade. Não quero que se diga que um filho de João da Cunha escala as janellas dos visinhos. O peor que póde acontecer-lhe, meu filho, é ser surpreendido n'essa casa, e olhe que de certo o não respeitam para o deixarem descer tranquillamente como subiu.

Pouco depois, Luiz da Cunha sahiu do quarto de seu pae, e passando pelo capellão deu-lhe um abraço, que o fez impertigar-se com a grave compressão das costellas. Luiz ria-se, e padre Joaquim desencadeava-se o mais prestes que podia dos braços tenazes do seu discipulo de latim.

As correcções paternas aproveitaram muito, por isso que, na noite d'esse dia, á hora costumada, Luiz da Cunha agatinhou rapidamente a escada, e içou-se para a varanda. Pouco depois que entrára, o logista, avisado por quem quer que foi, subiu ao segundo andar. Luiz da Cunha fugiu